FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA
OPEN ACCESS
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
DOI: https://doi.org/10.30612/frh.v27i50.20844

Solidão, resistências e afetos: a imigração alemã e o caso de Ida Dörffel na Colônia Dona Francisca (SC)

Loneliness, resistance, and affection: German immigration and Ida Dörffel's story in the Dona Francisca Colony (SC), Brazil

Soledad, resistencia y afecto: la inmigración alemana y la historia de Ida Dörffel en la Colonia Doña Francisca (SC), Brasil

Daniele Claudia Miranda
Universidade da Região de Joinville - Univille
daclam42@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6573-9381

Euler Renato Westphal
Universidade da Região de Joinville - Univille
eulerwestphal@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4891-8692

Roberta Barros Meira
Universidade da Região de Joinville - Univille
rbmeira@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7739-216X

CC BY NC SA

Resumo
A imigração alemã para o Brasil no século XIX provocou profundas transformações sociais, culturais e econômicas, tanto nas regiões de origem quanto nos territórios de destino. Nesse movimento, as vivências das mulheres foram, por muito tempo, ofuscadas pela historiografia tradicional, que privilegiou trajetórias masculinas de colonos, líderes e trabalhadores. Este artigo propõe uma releitura desse processo com base na trajetória de Ida Dörffel, imigrante que se estabeleceu na Colônia Dona Francisca, atual Joinville, em Santa Catarina. A análise fundamenta-se em correspondências pessoais deixadas por Ida, fontes que permitem acessar dimensões socioeconômicas e aspectos do cotidiano da experiência migratória feminina. Com uma abordagem qualitativa inspirada na história social das mulheres, o estudo investiga as estratégias de adaptação, resistência e atuação social das imigrantes que integraram a elite local. Ao examinar a participação de Ida Dörffel na organização familiar, nas redes de sociabilidade e na economia da colônia, evidencia-se a relevância feminina para a consolidação das comunidades germânicas no Brasil. O caso de Ida elucida percursos individuais e, ao mesmo tempo, amplia os limites da narrativa histórica convencional sobre a imigração europeia no século XIX.
Palavras-chave: imigração alemã; Ida Dörffel; Colônia Dona Francisca; história social das mulheres.

Abstract
German immigration to Brazil in the 19th century caused profound social, cultural, and economic transformations, both in the regions of origin and in the territories of destination. In this movement, the experiences of women were, for a long time, overshadowed by traditional historiography, which privileged the male trajectories of colonists, leaders, and workers. This article proposes a reinterpretation of this process based on the trajectory of Ida Dörffel, an immigrant who settled in the Dona Francisca Colony, present-day Joinville, in Santa Catarina, Brazil. The analysis is based on Ida's personal correspondence, a source that allows access to the socioeconomic dimensions and aspects of the daily life of the female migratory experience. With a qualitative approach inspired by the social history of women, the study investigates the strategies of adaptation, resistance, and social action of the immigrants who integrated into the local elite. By examining Ida Dörffel's participation in the family organization, social networks, and the colony's economy, the relevance of women to the consolidation of Germanic communities in Brazil becomes evident. Ida's story sheds light on individual journeys and, at the same time, expands the boundaries of the conventional historical narrative about European immigration in the 19th century.
Keywords: German immigration; Ida Dörffel; Dona Francisca Colony; social history of women.

Resumen
La inmigración alemana a Brasil en el siglo XIX provocó profundas transformaciones sociales, culturales y económicas, tanto en las regiones de origen como en los territorios de destino. En ese movimiento, las experiencias de las mujeres quedaron,

BY NC SA

durante mucho tiempo, eclipsadas por la historiografía tradicional, que privilegió las trayectorias masculinas de colonos, líderes y trabajadores. Este artículo propone una reinterpretación de ese proceso basada en la trayectoria de Ida Dörffel, una inmigrante que se estableció en la Colonia Doña Francisca, actual Joinville, en Santa Catarina, Brasil. El análisis se funda en la correspondencia personal de Ida, una fuente que permite acceder a las dimensiones socioeconómicas y a aspectos de la vida cotidiana de la experiencia migratoria femenina. Con un enfoque cualitativo inspirado en la historia social de las mujeres, el estudio investiga las estrategias de adaptación, resistencia y acción social de las inmigrantes que se integraron en la élite local. Al examinar la participación de Ida Dörffel en la organización familiar, las redes sociales y la economía de la colonia, se evidencia la relevancia de las mujeres en la consolidación de las comunidades germánicas en Brasil. La historia de Ida arroja luz sobre las trayectorias individuales y, a la vez, amplía los límites de la narrativa histórica convencional sobre la inmigración europea en el siglo XIX.
Palabras clave: Inmigración alemana; Ida Dörffel; Colonia de Doña Francisca; historia social de las mujeres.

Introdução

A Colônia Dona Francisca, fundada em 1851 na Região Sul do Brasil, destacou-se como um dos mais importantes núcleos de colonização alemã no século XIX. Batizada em homenagem à Princesa Francisca Carolina, filha do imperador Dom Pedro I e da imperatriz Maria Leopoldina, a colônia tornou-se um espaço de encontro entre projetos imperiais de povoamento e os anseios de imigrantes em busca de novas oportunidades. O desenvolvimento inicial da região foi fortemente impulsionado pela chegada de colonos alemães (Böbel e Thiago, 2001), atraídos pela promessa de terras férteis e pela possibilidade de construir uma vida distante das dificuldades que enfrentavam na Europa. No entanto, como lembra Ficker (1965), os imigrantes também depararam com inúmeros desafios de adaptação, sobrevivência e integração em um território ainda em formação.

Entre os imigrantes que marcaram a trajetória da Colônia Dona Francisca, está o casal Ottokar e Ida Dörffel, originários da Saxônia. Segundo Miranda, Westphal e Meira (2024), Ottokar Dörffel, reconhecido por suas contribuições administrativas e políticas, teve papel destacado no fortalecimento da colônia, e, ao lado dele, encontra-se a figura muitas vezes invisibilizada de sua esposa, Ida Dörffel, cuja vida e

CC BY NC SA

cujos pensamentos podem ser resgatados por meio das cartas que deixou. Essas correspondências, enviadas a familiares e amigos na Alemanha, oferecem um testemunho íntimo e sensível sobre o cotidiano da mulher imigrante, seus sentimentos, dilemas e expectativas diante da nova realidade no Brasil.

O acervo documental é expressivo. Ao todo, foram preservadas 96 correspondências, sendo 90 cartas e seis cartões-postais, datadas de 1854, ano de chegada do casal ao Brasil, até 1906, pouco antes do falecimento de Ottokar. Desse conjunto, cerca de 35 cartas foram escritas por Ida até o ano de 1878, revelando sua voz feminina em um universo com frequência dominado pelos registros masculinos. Atualmente, grande parte desse material está no Arquivo Estatal de Chemnitz e no Museu de Arte Schloss Hinterglauchau, na Alemanha.

O estudo dessas cartas permite ampliar o escopo da análise da imigração. Ao utilizar a expressão *países de idioma germânico*, abrange-se não apenas o Reino da Prússia ou da Saxônia, mas também territórios como Bavária, Turíngia, a cidade autônoma de Hamburgo, além de regiões de língua germânica na Suíça, Dinamarca, Holanda e Noruega. Embora compartilhassem raízes linguísticas, os migrantes enfrentavam barreiras comunicativas internas, como mostram as cartas de Ida quando o casal Dörffel chegou a Hamburgo e percebeu diferenças marcantes no idioma e no modo de vida local. Esse primeiro choque cultural evidencia que a imigração não se limitava ao deslocamento geográfico; envolvia também profundas negociações identitárias e adaptações sociais.

Ao examinar o contexto histórico e cultural do casal, constata-se que a experiência migratória do casal Dörffel destaca tanto os desafios da adaptação a um novo país quanto a complexidade interna das identidades germânicas, politicamente fragmentadas e culturalmente diversas. Na historiografia tradicional, por exemplo, fala-se em *imigração saxônica* referindo-se ao Reino Autônomo da Saxônia, que mantinha relações tensas com a Prússia, rival histórica e expansionista.

A escrita de Ida Dörffel permite entrever aspectos fundamentais da experiência imigrante: a saudade da terra natal, o desejo por vezes manifesto de retorno, as fragilidades da saúde, as frustrações diante das condições locais e, sobretudo, sua participação ativa, ainda que discreta, nas decisões tomadas pelo

BY NC SA

marido. Esse olhar feminino enriquece a compreensão histórica, demonstrando que as mulheres foram igualmente agentes centrais na construção da vida e da memória da Colônia Dona Francisca.

Ida Dörffel nasceu em Rochlitz, no distrito de Mittelsachsen, estado da Saxônia, filha do relojoeiro Ernst Christian Günther. Pouco se sabe sobre sua infância antes do casamento. Ida cresceu em uma família numerosa, com sete irmãos, alguns deles bem mais novos. Cartas preservadas de seu pai revelam as dificuldades financeiras enfrentadas para sustentar os filhos após a mudança para Rochlitz, em 1831. Segundo Matzke (2018), pela forma como suas cartas foram escritas, com riqueza de linguagem, criatividade e interesse pela literatura e pela imprensa, é possível deduzir que Ida recebeu uma educação sólida para o contexto da época.

Essa formação diferenciada ajudaria a construir o perfil de uma mulher que, mais tarde, imigraria para o Brasil em um contexto marcado pela chegada de milhares de famílias alemãs ao sul do país, especialmente na primeira metade do século XIX. Esses imigrantes, atraídos por políticas de colonização do império, tiveram papel central no desenvolvimento de colônias como Dona Francisca (atual Joinville), onde o casal Dörffel se estabeleceria.

Nas cartas aos parentes e amigos na Alemanha, o foco principal de Ida era descrever a vida na colônia e as atividades do marido. Por sua vez, Ottokar menciona Ida com muito carinho, sobretudo nas cartas após seu falecimento, como alguém que amou profundamente:

> No dia 21 deste mês faz 50 anos que entrei na terra prometida do Brasil e, portanto, solo de Joinville, [...] vasculhei os papéis deixados por minha falecida esposa. [...] encontrei um tesouro que nunca havia conhecido antes. Era um diário simples, mantido por minha esposa desde nosso primeiro contato até que nós havíamos declarado amor um pelo outro. Uma velha história, é verdade, mas uma nova magia para mim, que após a passagem de 60 anos reapareceu tão milagrosamente. A caligrafia muito pequena, mas, no entanto, muito clara e limpa das anotações feitas quase diariamente de 9 de novembro de 1844 a 11 de setembro de 1845 despertou minha admiração porque a escriba estava intensamente ocupada na família e na economia extensa. A confiança crescente, a fé crescente e, finalmente, o grito de alegria do amor ardente e retribuído me tocaram profundamente e por muito tempo, posso dizer, altamente entusiasmado. *Oh, belo tempo de amor jovem!* E

BY NC SA

> agora ela descansa no seio fresco da terra há quase 16 anos. (Dörffel, 2018, p. 477-478, grifo meu).

Não há registro do diário mencionado, mas essas palavras encontram-se em uma das cartas escritas por Ottokar. De acordo com os seus escritos, o diário trazia informações sobre o espaço doméstico e os trabalhos comumente ocupados pelas mulheres imigrantes da elite. Em um contexto que, costumeiramente, restringia as atividades femininas, Ida registrava também os fatos econômicos da colônia e a sua própria atuação nos negócios.

Na colônia, Ottokar Dörffel acumulou diferentes funções administrativas, ao passo que sua esposa, Ida, se encarregava de dar continuidade aos empreendimentos que haviam iniciado, assegurando uma renda complementar para a família. Além disso, ambos se envolviam em trabalhos agrícolas e nas tarefas cotidianas do lar. Para Ida, entretanto, as atividades domésticas eram vistas como responsabilidade estritamente feminina. Com o passar do tempo, à medida que suas obrigações se multiplicaram e sua saúde começou a declinar, ela passou a assumir um papel mais organizativo: em vez de apenas executar os afazeres da casa, buscava administrá-los e delegá-los, de modo a poder dedicar-se de forma mais efetiva aos negócios familiares. Ida Dörffel faleceu em janeiro de 1889. Naquele contexto, prevalecia a compreensão de que o espaço doméstico cabia às mulheres, enquanto aos homens não competia envolver-se nesse tipo de trabalho.

Nesse cenário, o artigo apoia-se na análise das correspondências pessoais deixadas por Ida Dörffel, documentos que permitem acessar dimensões socioeconômicas e cotidianas da experiência imigrante feminina. A opção pela abordagem qualitativa, centrada no estudo de fontes primárias como cartas pessoais, se justifica pela necessidade de apreender aspectos afetivos e subjetivos da vivência migratória, muitas vezes invisibilizados nos registros oficiais e nas narrativas institucionais. Tais correspondências oferecem não apenas um testemunho íntimo da vida cotidiana na Colônia Dona Francisca, mas também indícios sobre valores, expectativas e estratégias de enfrentamento mobilizados por mulheres diante das dificuldades impostas pelo deslocamento transatlântico, pelo trabalho doméstico e rural e pela adaptação a uma nova ordem social e cultural.

CC BY NC SA

A proposta metodológica aqui adotada parte do reconhecimento da correspondência pessoal como uma importante fonte documental para os estudos sobre a história da imigração e para a história social das mulheres. A análise orienta-se pela interpretação do conjunto de cartas para compreender a experiência de mulheres em contextos de imigração. Essa opção decorre tanto de exigências éticas quanto da abordagem da escrita íntima como forma de produção de sentidos sobre o vivido, tal como propõem autores como Pierre Nora (1993) e Aleida Assmann (2011).

As cartas podem ser compreendidas como lugares de memória (Nora, 1993) e, em diálogo com Assmann (2011), como espaços de recordação, suportes concretos da memória cultural, nos quais a experiência pessoal se transforma em um bem transmissível, capaz de resistir ao esquecimento e de adquirir relevância pública. Ao escrever suas cartas, Ida Dörffel não apenas relata acontecimentos cotidianos; ela seleciona o que considera significativo, atribui sentidos ao vivido, expressa afetos e constrói imagens sobre si, sobre os outros e sobre o novo espaço na colônia. Tais registros configuram aquilo que Assmann (2011) denomina de memória de armazenamento (*Speichergedächtnis*), pois não se limitam à função comunicativa imediata, mas assumem um papel de conservação e de reinterpretação do passado. Ao serem preservadas e analisadas hoje, essas cartas transcendem a memória individual de Ida e inserem-se na memória cultural, revelando as estratégias simbólicas utilizadas por mulheres para interpretar e narrar sua inserção no processo imigratório.

A análise das correspondências evidencia uma série de práticas de adaptação e resistência que não costumam aparecer nos documentos oficiais da colônia. Expressões de saudade, temor, esperança e resignação revelam o quanto o deslocamento envolvia não apenas a travessia física, mas também a reformulação de identidades e vínculos afetivos. A escrita torna-se, assim, um espaço de negociação entre o passado e o presente, entre a cultura de origem e a nova realidade na colônia.

Tal escolha metodológica dialoga com os avanços da historiografia das últimas décadas, que passou a valorizar os registros da vida privada, a memória e a oralidade como fontes legítimas de interpretação histórica. Embora a imigração alemã para o Brasil tenha sido amplamente estudada sob a ótica econômica,

CC BY NC SA

demográfica e institucional, as experiências das mulheres nesse processo ainda carecem de maior atenção analítica. A investigação da trajetória de Ida Dörffel, portanto, se alinha a esse esforço coletivo de repensar o passado por meio de novas perguntas, novos sujeitos e novas formas de ler as fontes históricas.

Este artigo teve como objetivo central analisar a experiência de Ida Dörffel como expressão da vivência feminina na imigração alemã do século XIX, investigando como mulheres como ela contribuíram para a consolidação da Colônia Dona Francisca e enfrentaram os desafios do deslocamento, do trabalho e da reconstrução identitária. Por meio da documentação pessoal preservada, buscou-se compreender como gênero, classe e cultura se articularam na configuração dessa trajetória. Além disso, pretende-se ampliar a abordagem historiográfica sobre imigração, deslocando o foco tradicionalmente centrado na figura masculina para uma leitura mais plural e atenta às especificidades da experiência feminina.

A estrutura do artigo organiza-se em três partes. Na primeira, destaca-se a imigração sob a perspectiva feminina, evidenciando o papel ativo de Ida Dörffel na construção de sua trajetória na colônia e nas conexões emocionais presentes em suas experiências e narrativas. A segunda parte analisa um conjunto de cartas de Ida, explorando elementos do cotidiano, as relações familiares e as percepções culturais expressas na correspondência. Por fim, a terceira seção discute a imigração feminina em sentido mais amplo, propondo uma releitura da participação de Ida na história da Colônia Dona Francisca.

1. Do Velho ao Novo Mundo: Ida Dörffel e a construção de uma vida na colônia

A experiência de Ida Dörffel registrada em suas cartas entre 1854 e 1878 revela não apenas os desafios da vida colonial, mas também a forma como uma mulher do século XIX lidava com deslocamento, perdas, responsabilidades e afetos. Sua trajetória apresenta aspectos pouco explorados da imigração alemã no Brasil, colocando em evidência uma voz feminina que deixou marcas profundas na memória da Colônia Dona Francisca.

CC BY NC SA

A história de Ida insere-se no contexto mais amplo da política imigrantista do Brasil imperial. A fundação da Colônia Dona Francisca, em 1851, em território que viria a ser Joinville, integrou uma estratégia estatal e privada de "povoamento civilizado" do sul do país vinculada ao ideal de branqueamento e de modernização da economia agrária (Seyferth, 2002; Holanda, 2006). Sociedades de colonização, como a Colonisations-Verein von 1849, firmaram contratos com a Coroa brasileira para atrair famílias alemãs, suíças e norueguesas, prometendo terras e oportunidades. Nesse cenário, mulheres como Ida não eram apenas acompanhantes; sua presença garantia a estabilidade demográfica, a reprodução social e a manutenção de valores culturais europeus (Schpun, 1997; Nadalin, 2003).

Desde a partida da Alemanha, Ida demonstrou sentimentos ambíguos: por um lado, entusiasmo diante da aventura que se iniciava; por outro, a dor da separação dos entes queridos e a apreensão diante do incerto. "Se não fosse pelo pensamento de separar-se de seus entes queridos, pode-se até esperar a jornada às vezes. Mas o sentimento pesa no meu coração. Mas fico quieta, não devo amolecer" (Dörffel, 2018, p. 82).

Na Colônia Dona Francisca, Ida desempenhou papéis que iam além do espaço doméstico. Embora tivesse consciência das expectativas sociais sobre as mulheres, seu relato mostra seu envolvimento em empreendimentos comerciais e grande capacidade de adaptação. Ao assumir a venda de cerâmicas, por exemplo, descreveu seu espírito empreendedor: "Eu assumi o comércio varejista, e o negócio está indo bem, não deixo ninguém que entra na minha área sair sem ele deixar o dinheiro lá [...] aprendi muito a divulgar minhas mercadorias" (Dörffel, 2018, p. 150). Essa passagem rompe com a imagem restritiva da mulher submissa e dependente, projetando Ida como protagonista ativa da vida econômica na colônia.

Apesar disso, a saudade da pátria e a pressão de papéis sociais permaneceram constantes em sua vida. A ausência de filhos, tema recorrente em suas cartas, trouxe preocupações sobre o futuro de seu marido e um sentimento de incompletude em relação às normas culturais da época: "Seria melhor, porém, que Ottokar voltasse a casar, talvez ainda assim tivesse a alegria de ter filhos" (Dörffel, 2018, p. 409). De qualquer modo, Ida não se resignou à dor da não maternidade,

BY NC SA

encontrando no esposo apoio e afeto, como expressou em 1864: "Tenho um bom marido e ele substitui tudo para mim" (Dörffel, 2018, p. 278). Essas passagens expõem as contradições vividas por mulheres que, embora inseridas em um sistema patriarcal, negociavam seus lugares e afetos.

As cartas também revelam momentos de sociabilidade e lazer. Ida narra com entusiasmo bailes, leituras e encontros sociais que preenchiam a vida na colônia. Ao pedir à sogra, na Alemanha, um vestido branco para as festas, demonstrava não apenas vaidade, mas também a necessidade de se inserir nos círculos sociais que marcavam o *status* das famílias (Dörffel, 2018, p. 133). Leitora assídua, mantinha uma pequena biblioteca e valorizava os livros como seu "único luxo", registrando que a leitura lhe oferecia alívio e prazer mesmo nos momentos de dor (Dörffel, 2018, p. 397). Essa valorização da cultura escrita se conecta à própria prática epistolar, que lhe permitia elaborar afetos, identidades e pertencimentos.

Com o avançar dos anos, a saúde frágil tornou-se tema recorrente em sua correspondência. Ida registrou em detalhes as dores físicas que enfrentava e o uso constante de morfina para amenizá-las. "Essas injeções são dolorosas e as feridas às vezes supuram [...] mas é a única coisa que ajuda rapidamente contra dores de cabeça" (Dörffel, 2018, p. 521). Essa luta contra o sofrimento marcou seus últimos anos, até seu falecimento, em janeiro de 1889.

A trajetória de Ida Dörffel mostra que a imigração foi tanto um deslocamento geográfico quanto uma experiência afetiva, cultural e de resistência. Suas cartas não apenas narram o cotidiano da Colônia Dona Francisca, mas também contam como uma mulher deu sentido à sua vida em meio a desafios, saudades e reinvenções. Por meio delas, vê-se que Ida não foi somente esposa de Ottokar, porém autora de sua própria história, deixando às gerações futuras o testemunho da força e da sensibilidade feminina na construção da sua vida na colônia.

Ao refletir sobre esses registros, constata-se que as cartas de Ida cumprem, inicialmente, uma função prática e afetiva (manter o contato com familiares e amigos, atualizar informações) e, ao serem guardadas, relidas e agora analisadas por pesquisadores, elas adquirem um novo *status*: tornam-se fragmentos de memória de

BY NC SA

longo prazo. Nesse sentido, as cartas constituem um arquivo afetivo da imigração, permitindo que se reconstrua uma história de vida.

A escrita de Ida Dörffel emerge como registro, abrindo espaço para que a imigração seja também lembrada por meio das lentes do afeto, da resistência cotidiana e das experiências de mulheres que, como ela, escreveram a história sem necessariamente estarem nos arquivos oficiais. Para aprofundar a discussão sobre memória, identidade e os modos como a experiência feminina imigrante é registrada, lembrada e transmitida, Assmann (2011) trabalha com a ideia de que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas também coletivo, institucional e cultural.

A investigação da trajetória de Ida Dörffel, portanto, se alinha ao esforço coletivo de repensar o passado por meio de novas perguntas, novos sujeitos e novas formas de ler as fontes históricas. Nesse sentido, os conceitos desenvolvidos por Assmann (2011) sobre os espaços de recordação e os modos de articulação entre memória individual e memória coletiva oferecem uma contribuição valiosa para essa análise. Para a teórica, a memória cultural estrutura-se em torno de suportes materiais, como cartas, diários e objetos, que preservam significados além da experiência individual, permitindo a transmissão de lembranças ao longo do tempo e entre gerações.

As correspondências pessoais deixadas por Ida Dörffel podem, assim, ser interpretadas como espaços de recordação, nos quais se sedimentam tanto os traços da vivência cotidiana quanto os valores, afetos e percepções que compõem uma memória feminina da imigração. Esses registros não são apenas testemunhos privados, mas também formas de constituir uma narrativa de pertencimento e resistência, especialmente em contextos de deslocamento e ruptura cultural.

Ao escrever suas cartas, Ida Dörffel não apenas relata acontecimentos cotidianos; ela seleciona o que considera significativo, atribui sentidos ao vivido, expressa afetos e constrói imagens sobre si, sobre os outros e sobre o novo espaço na colônia.

2. Cartas que contam: cotidiano, família e cultura nas correspondências de Ida Dörffel

BY NC SA

As cartas pessoais registram acontecimentos, mas também revelam sentimentos, estratégias de enfrentamento e afetos que escapam às narrativas oficiais. No contexto da imigração alemã para o Brasil no século XIX, a escrita epistolar feminina adquire relevância especial, pois representa um dos raros testemunhos sobre a experiência das mulheres, frequentemente relegadas à invisibilidade nos relatos tradicionais sobre a história da imigração.

Nesse sentido, a correspondência de Ida Dörffel oferece um olhar singular sobre os dilemas da vida e o cotidiano da Colônia Dona Francisca. Casada com Ottokar Dörffel, advogado, jornalista e figura política de destaque entre os imigrantes germânicos, Ida não se restringe ao papel de espectadora; suas cartas revelam a intimidade de um núcleo familiar diretamente envolvido na organização social e política da colônia. Ottokar, além de editor do *Kolonie-Zeitung* (*Jornal da Colônia*), foi um dos principais articuladores da vida pública imigrantista da Colônia Dona Francisca, atuando tanto no debate cultural quanto na administração prática de crises, como epidemias e tensões sociais. A voz de Ida, ao relatar os bastidores dessa atuação, mostra aspectos da história da imigração e da história social das mulheres que escapam às fontes oficiais.

Outros exemplos expostos em suas cartas escritas décadas antes realçam o quanto a condição feminina atravessa a narrativa: Ida carregava sozinha as angústias em meio à saudade, à incerteza, à resignação quando descreve não apenas a logística de uma travessia, mas o sofrimento físico e emocional. Ida descreve alguns dos desafios e ajustes que enfrentou em sua nova vida na Região Sul do Brasil. Ela vivenciou dificuldades como separação de entes queridos, barreiras linguísticas, desconhecimento da cultura local e, ainda, a necessidade de adaptação a um modo de vida diferente. Além disso, expressou sentimentos de saudade do lar anterior.

> Ontem estávamos no porto e vimos um vapor partir. Existem centenas de navios, principalmente veleiros. Anteontem saímos do canal, que atravessa a cidade, saímos para o Florentin, a estrada percorreu um longo caminho por uma fileira de muitos navios bonitos, foi um esplendor ver tudo [...]. Mas o sentimento pesa no meu coração. Mas fico quieta, não devo amolecer. O melhor é viver sempre na agitação para não se encontrar (Dörffel, 2018, p. 82).

BY NC SA

Em outro momento, na mesma carta, Ida relata a precariedade das hospedagens, a divisão desigual entre homens e mulheres e a ausência de conforto básico, expondo uma vivência marcada por privações, mas também por estratégias de sobrevivência coletiva entre mulheres: "Finalmente chegamos à miserável estalagem, nós 8 mulheres recebemos um quarto com 39 camas pequenas [...]. É claro que não nos despimos e nos sentamos por algumas horas na cama, naturalmente empilhadas um ao lado do outro" (Dörffel, 2018, p. 83).

A espacialidade da imigração, as estações de trem, os dormitórios coletivos, as cabines do navio surgem nas cartas como topografias da experiência feminina. Sá (2018) chama a atenção para os "lugares de escrita" como dispositivos que carregam tanto o que é dito quanto a forma de dizer. Assim, a maneira como Ida descreve a cabine do navio, em comparação à terceira classe, revela sua tentativa de garantir um mínimo de dignidade no ambiente de travessia: "Imagine a cabine comprida quanto um sofá e não tão larga [...]. Duas pessoas então têm que se lavar e se vestir [...]. Mas você não deve pensar nisso muito largo" (Dörffel, 2018, p. 83).

Esse esforço de descrição espacial está diretamente relacionado à construção da experiência corporal no exílio iminente, corpos femininos amontoados, mães dividindo camas com os filhos, a constante necessidade de adaptar-se a espaços mínimos e compartilhados. Ao escrever, Ida não apenas relata, mas reconfigura sua experiência, atribuindo sentido a um cotidiano fraturado pelo deslocamento.

Além disso, sua reflexão sobre o "sentimento de separação" revela uma dor que transcende o físico. Ainda que o Novo Mundo prometa oportunidades, a perda dos vínculos afetivos e do espaço familiar pesa no relato: "Se não fosse pelo pensamento de separar-se de meus entes queridos, pode-se até esperar a jornada às vezes. Mas o sentimento pesa no meu coração. Mas fico quieta, não devo amolecer" (Dörffel, 2018, p. 83).

Esse momento de introspecção, em que o afeto é tensionado pela expectativa da travessia, evidencia a complexidade da subjetividade feminina na

CC BY NC SA

imigração. Ida é simultaneamente esposa e imigrante, papéis que se entrelaçam na escrita e que a constituem como sujeito histórico.

A segunda parte da carta de Ida, escrita dois dias após o primeiro relato, mantém o tom íntimo e confessional, mas introduz novas camadas de percepção sobre o espaço urbano e os preparativos para a travessia marítima. Logo, nesse momento inicial, torna-se perceptível a inserção social do casal Dörffel, pertencente a um estrato mais elevado que o de muitos dos passageiros, condição que lhe permitia certas escolhas e negociações de conforto a bordo. A observação detalhada do navio e das condições das diferentes classes de viajantes revela sua crescente consciência das hierarquias sociais e espaciais presentes no interior da embarcação. Sua percepção crítica é evidente:

> Quando Ottokar olhou para a terceira classe, ele tinha certeza, imediatamente concordou em me deixar ficar na cabine [...] é quase mais apertado lá do que na terceira classe, mas você está livre de muitos inconvenientes a que necessariamente se deve estar exposto na terceira classe (Dörffel, 2018, p. 81).

Esse trecho evidencia como Ida negocia seu espaço durante a travessia ao mesmo tempo que, de forma sutil, denuncia as desigualdades impostas pela organização social do navio, uma microestrutura que reproduz, em escala reduzida, as divisões de classe da sociedade europeia do século XIX. Ao destacar os *inconvenientes* da terceira classe, ela parece buscar um mínimo de proteção e privacidade, especialmente por estar acompanhada de outras mulheres e crianças.

Nesse sentido, a carta não apenas registra os acontecimentos, mas também reorganiza sua posição no mundo, entre a familiaridade do lar perdido e a estranheza do novo. A sua observação da cidade de Hamburgo destaca esse entrelugar, ora encantado, ora desafiador: "Minha querida mãe, já vimos muito, sempre há um espetáculo na rua como se fosse uma feira. Todas as pessoas têm uma necessidade, é caçar, correr e dirigir como se estivesse pegando fogo" (Dörffel, 2018, p. 81).

Aqui, Ida ativa um olhar etnográfico. A cidade, que se apresenta como promessa de modernidade e avanço, também é descrita como um espaço de despersonalização e frenesi, contrastando com a vida que Ida conhecia. A metáfora

CC BY NC SA

do “pegar fogo” traduz, poeticamente, sua percepção de uma sociedade movida pela urgência e pelo comércio, um ritmo que a surpreende e a exaure.

Igualmente, a carta reserva espaço para o humor e para a banalidade do dia a dia, como no episódio dos “bocais” utilizados para beber café ou chá: “Mas não pense que temos copos comuns, são apenas copos bem grandes sem asa, é uma arte beber sem queimar os dedos, a gente se diverte muito com isso” (Dörffel, 2018, p. 81). Esse tipo de comentário aproxima a leitura do que Joana Maria Pedro (2003) denomina “memória sensível”, presente de forma mais clara na história contada por mulheres: registros do cotidiano que, embora aparentemente triviais, são atravessados por afeto e pertencimento, compondo a materialidade da experiência feminina. Ao relatar as refeições, os objetos e até mesmo os preços dos mantimentos, Ida constrói uma espécie de inventário doméstico da imigração capaz de desafiar interpretações puramente econômicas ou políticas do processo migratório.

Essa mesma sensibilidade aparece em cartas posteriores, nas quais Ida revela sentimentos ambíguos de adaptação e nostalgia. Em 1855, escreve: “A minha maior satisfação consiste em ver o meu marido satisfeito e feliz. [...] a saudade é ruim, ruim. Se eu tivesse mais alguém ao meu redor, provavelmente seria melhor. [...] O que falta cultura e arte aqui, a natureza oferece em toda a medida” (Dörffel, 2018, p. 115).

Já em 1856:

> Você deveria ter assistido a esse baile, foi muito interessante, a conversa sempre foi conduzida em três idiomas, brasileiro, francês e alemão, e este último também em pelo menos dez dialetos diferentes, que era um jargão um pelo outro! Tudo era tão engraçado e feliz, não queria acabar (Dörffel, 1856, p. 161).

Conjunto de impressões como essas revela uma migrante que, ao mesmo tempo que registra a rotina e as pequenas dificuldades, observa a diversidade cultural da colônia e negocia novas formas de sociabilidade, conferindo densidade emocional e histórica às experiências aparentemente corriqueiras da imigração.

Joana Maria Pedro (2003) defende que as experiências femininas devem ser analisadas levando-se em conta a interseccionalidade de gênero, classe e cultura, o

BY NC SA

que nos permite compreender como Ida, apesar de seu pertencimento à classe média letrada, enfrentava condições precárias semelhantes às de outras mulheres imigrantes, especialmente no contexto do trânsito portuário europeu.

Já vivendo na Colônia Dona Francisca, uma carta de Ida Dörffel de 1873 apresenta um exemplo eloquente do contexto social e administrativo durante a epidemia de varíola negra, oferecendo um relato detalhado das dificuldades enfrentadas por seu marido, Ottokar Dörffel, e dos efeitos disso em sua vida cotidiana. Ida inicia sua carta descrevendo a sobrecarga de responsabilidades assumidas pelo marido: "Você não pode acreditar em quantos fios e fios meu marido está amarrado aqui. [...] Ele não espera agradecimentos por todos os problemas e dificuldades que ele se coloca, mas muitas vezes é recompensado com ingratidão" (Dörffel, 2018, p. 346). Aqui, ela enfatiza não apenas a multiplicidade de funções de Ottokar, mas também a tensão emocional associada à sua posição, revelando a dimensão humana do trabalho administrativo e o caráter altruísta de sua atuação, frequentemente invisível ao público.

Ida ainda delineia a crise provocada pela chegada de imigrantes infectados com varíola negra: "A morte do diretor anterior obrigou Ottokar a assumir sozinho a responsabilidade pelo manejo da epidemia" (Dörffel, 2018, p. 346). Ida descreve o impacto dessa situação sobre a colônia, incluindo a superlotação das acomodações e o sofrimento de crianças e adultos recém-chegados. Ela ressalta também a organização de caridade e cuidados comunitários promovidos por Ottokar, sublinhando sua iniciativa de garantir atendimento médico e alimentar aos doentes: "Ottokar pediu ao comerciante Lange que organizasse caridade pública para os doentes [...] forneci leite tanto quanto pude" (Dörffel, 2018, p. 347). Esse trecho evidencia não apenas as dificuldades enfrentadas na administração da colônia, mas também a necessidade de liderança moral do diretor, que se envolvia pessoalmente nos cuidados, mesmo diante do risco pessoal.

Ida enfatiza ainda os efeitos psicológicos da epidemia sobre o casal, destacando o medo constante e a preocupação com a saúde de Ottokar, embora o marido permanecesse saudável: "Sempre temi que o esforço mental e físico finalmente o derrubasse. Graças a Deus! Ele ainda está saudável hoje" (Dörffel, 2018,

BY NC SA

p. 348). A narrativa revela a dimensão emocional e familiar da crise, mostrando que a gestão da colônia exigia resiliência profissional e pessoal.

A carta encerra-se com reflexões sobre a nomeação de um novo diretor e a perspectiva de retorno à vida privada: a substituição de Ottokar Dörffel pelo agente Otto Niemeyer representa para Ida o alívio do peso de responsabilidades acumuladas e a possibilidade de reorganização de sua vida, incluindo a venda da propriedade e o regresso planejado: "Isso tirou um grande peso do meu coração [...] só agora posso realmente esperar pelo nosso retorno" (Dörffel, 2018, p. 349). Além disso, ela comenta o isolamento e a resistência da comunidade local diante de seus planos de mudança, salientando a tensão entre expectativas sociais e desejos individuais, bem como a busca por um futuro "ainda mais brilhante" que combinasse conforto material e satisfação pessoal.

A carta de Ida oferece uma visão rica e multifacetada da Colônia Dona Francisca durante um período crítico, ao mesmo tempo que descreve a figura de Ottokar Dörffel como gestor diligente e moralmente comprometido, evidenciando os efeitos humanos e familiares das crises sanitárias e administrativas. Seu testemunho não apenas documenta a crise sanitária e o papel decisivo de Ottokar, mas também expõe a dimensão emocional da experiência: o medo da doença, a angústia diante da ingratidão dos colonos e a solidão feminina ante a sobrecarga pública do marido. As correspondências de Ida revelam ainda sua expectativa de retorno à Alemanha e a percepção de isolamento social na colônia, desvelando como ela atravessava a vivência imigratória.

Tais escritos permitem compreender a imigração não apenas como deslocamento físico, mas como uma experiência complexa, atravessada por desafios, afetividade e negociações identitárias. Longe de se restringirem ao espaço privado, as cartas de Ida ampliam a compreensão da vida social da Colônia Dona Francisca e da atuação de Ottokar Dörffel, tornando-se fonte privilegiada para a valorização do protagonismo feminino na história da imigração alemã no Brasil. Mais do que registros documentais da travessia atlântica, esses textos expressam a maneira como a mulher imigrante construiu sentido para sua experiência histórica, articulando resistência e cuidado, humor e exaustão, esperança e luto. Sua voz inscreve-se, assim,

BY NC SA

em uma genealogia feminina da imigração que, embora silenciada por muito tempo, emerge hoje como elemento essencial para a reinterpretação da formação social brasileira.

Essa constatação dialoga com lacunas reconhecidas pela historiografia da imigração: a escassez de relatos femininos preservados e a invisibilidade histórica das mulheres nas narrativas de colonização. Como destacam Gevehr e Meyrer (2021), mesmo quando as mulheres aparecem em espaços de memória, como museus dedicados à imigração alemã no Rio Grande do Sul, sua representação permanece marcada por um viés de gênero. Os autores analisam a forma como tais instituições privilegiam a identidade étnica e relegam as mulheres ao âmbito doméstico, enfatizando a cozinha como espaço social de celebração da cultura feminina, seja pelo preparo de alimentos, seja pelos bordados e tapeçarias que retratam a vida cotidiana. Nessas exposições, o protagonismo feminino é reconhecido, mas restrito às tarefas de cuidado, limpeza e organização, em contraste com o domínio masculino dos espaços públicos. Essa perspectiva, embora referida ao sul do Brasil, reflete um padrão que não difere significativamente de outras colônias germânicas, como a Colônia Dona Francisca.

Nesse sentido, as cartas de Ida Dörffel tensionam a imagem convencional da mulher do século XIX como figura submissa, dedicada exclusivamente ao lar. Se por um lado ela escreve que "a minha maior satisfação consiste em ver o meu marido satisfeito e feliz" (Dörffel, 2018, p. 115), o que poderia reforçar o ideal de devoção feminina, por outro sua prática cotidiana a revela como uma mulher forte, determinada e empreendedora. Em um de seus relatos, ela descreve com orgulho sua atuação no comércio varejista: "Assumi o comércio varejista, e o negócio está indo bem, não deixo ninguém que entra na minha área sair sem ele deixar o dinheiro lá, mesmo que não tenha encontrado o que procura" (Dörffel, 2018, p. 150). Essa passagem demonstra sua habilidade de negociação e sua inserção em atividades econômicas que transcendiam o espaço doméstico e as limitações sociais da época.

Salienta-se a importância de se questionar o silenciamento histórico que invisibilizou as experiências femininas, ao analisar as dinâmicas de poder que favoreceram os homens nas narrativas sobre imigração e a necessidade de

CC BY NC SA

desconstruir discursos tradicionais e reconhecer as ações das mulheres, provocando debates críticos no campo da história da imigração. À luz dessas discussões, torna-se ainda mais relevante recuperar a trajetória de Ida Dörffel como exemplo de mulher que, mediante sua escrita, desafiou os limites impostos pelo gênero e deixou um registro singular da experiência imigratória. Sua presença não apenas amplia o entendimento da vida na Colônia Dona Francisca, mas também contribui para reposicionar as mulheres no centro das interpretações históricas sobre a imigração alemã no Brasil.

3. História da imigração na perspectiva feminina: reflexões com base na Colônia Dona Francisca

As correspondências de Ida Dörffel acessam a experiência imigrante feminina. Philippe Lejeune (2014, p. 39) destaca que a escrita epistolar revela aspectos da intimidade e da identidade que não aparecem em registros oficiais. Ao escrever à mãe, em 15 de março de 1855, Ida expressa sua tentativa de manter os vínculos afetivos apesar da distância: "Agora separa-nos o grande oceano, trimestres e meio anos podem passar, antes de ouvirmos um do outro" (Dörffel, 2018, p. 109). Essa escrita, marcada por um tom confessional, confirma o que Lejeune (2014, p. 39) destaca sobre a natureza da epistolografia: ela revela aspectos da intimidade e da identidade que não aparecem nos registros oficiais.

O texto epistolar também é permeado por descrições detalhadas da vida cotidiana, que revelam as tensões entre o ideal de civilização europeu e a dura realidade tropical. Ida escreve:

> Os grãos de café aqui não amadurecem todos de uma vez [...], afinal, tem que colher todos os dias, por isso mesmo é enfadonho e pouco compensador, mas sempre uma ocupação agradável, e para que não tenhamos que pagar nada por este trabalho, empreendi esta ocupação (Dörffel, 2018, p. 110).

Por fim, ao detalhar minuciosamente seus pertences danificados na travessia, "uma panela de ferro inteira, duas tinham rachaduras. A jarra de chocolate,

CC BY NC SA

2 xícaras boas...” (Dörffel, 2018, p. 115), e os preços dos objetos na colônia, Ida expressa a consciência aguda da precariedade material e da ausência de substituições possíveis. Isso confere à carta uma dimensão concreta da experiência imigrante, em que o gesto de relatar perdas materiais também carrega o peso simbólico da ruptura e do recomeço.

Assim, as cartas de Ida Dörffel vão além de um mero relato informativo; elas são registros da sua vivência, meios de sustentar vínculos familiares e afetivos e instrumentos de afirmação de uma identidade resiliente, marcada pela experiência do deslocamento, do trabalho e da adaptação. Como fonte histórica, revelam uma história feita também de sentimentos, ausências e resistências silenciosas.

Segundo Joan Scott (1991, p. 7), o gênero funciona como uma categoria primária de organização social e de distribuição do poder. No contexto da imigração alemã para o Brasil no século XIX, essa categoria revela-se fundamental para compreender a configuração dos papéis sociais e as possibilidades de ação das mulheres em ambientes coloniais. No caso de Ida Dörffel, o gênero estrutura não apenas seu papel no espaço doméstico, mas também suas formas de participação econômica e de articulação comunitária, compondo uma subjetividade complexa em constante negociação com as normas sociais e com as condições materiais da vida na colônia.

Michelle Perrot (1988, p. 158) argumenta que o espaço doméstico deve ser entendido como um espaço de produção e organização social, muitas vezes negligenciado pela história política. Longe de ser apenas o âmbito privado do lar, o doméstico mostra-se como um lócus estratégico de sociabilidade, trabalho e resistência. Ida Dörffel encarna essa multiplicidade de funções ao descrever, em carta à mãe datada de 25 de maio de 1856, sua atuação não apenas como esposa e dona de casa, mas como figura central na economia familiar e na mediação com o entorno colonial. Em suas palavras: “Vocês só devem me ver figurando como mulher de oleiro, como devem imaginar, eu assumi o comércio varejista, e o negócio está indo bem [...]. Aprendi muito a divulgar minhas mercadorias para as pessoas” (Dörffel, 2018, p. 167).

CC BY NC SA

Essa passagem salienta o deslocamento da esfera exclusivamente doméstica para a de um papel ativo na economia local, destacando que o trabalho feminino era indispensável à sobrevivência das famílias colonas. O comércio, assumido por Ida diante das dificuldades enfrentadas com a produção de tijolos por seu marido, demonstra sua capacidade de adaptação e iniciativa perante as instabilidades da vida na colônia. A frase "não deixo ninguém que entra na minha área sair sem que ele deixe um dinheiro lá" (Dörffel, 2018, p. 167) ilustra, com notável agudeza, a autonomia e a desenvoltura de uma mulher que transforma o espaço da casa em ponto de venda e articulação econômica. Ainda, esse trecho revela uma memória de atuação que confronta os estereótipos de passividade e dependência feminina.

A organização narrativa de Ida apresenta uma mulher que busca soluções para o sustento da família, que toma decisões econômicas, que negocia com vizinhos, empregados e fornecedores. Ela elabora sua posição social em meio à instabilidade do mundo colonial e transforma sua escrita em espaço de reconhecimento simbólico de sua própria relevância. Como argumenta Assmann (2011, p. 134), a memória feminina, ao ser registrada e transmitida, "ganha densidade e permanência, contribuindo para a ampliação dos horizontes da história".

Portanto, é possível perceber como a narrativa de Ida articula dimensões afetivas, econômicas e sociais em uma escrita que transborda o privado, tornando-se testemunho histórico. Sua atuação como mulher, comerciante, gestora do lar e mediadora cultural revela que, nas palavras de Joana Maria Pedro (2003, p. 69), "as mulheres não estavam apenas na retaguarda dos processos sociais e econômicos [...], mas envolvidas de maneira ativa, embora muitas vezes invisibilizada, nos mecanismos de sustentação das estruturas coloniais".

No contexto da Colônia Dona Francisca, essa presença manifestava-se de forma decisiva, pois eram as mulheres as responsáveis pela *oikos*-nomia, a lei da casa, que envolvia a administração dos recursos financeiros, a estocagem e o preparo dos alimentos, a organização da produção e da colheita, além da confecção das vestimentas. Tais atividades, embora aparentemente restritas ao âmbito doméstico, extrapolavam os limites da casa: garantiam a estabilidade material das famílias, viabilizavam a circulação de excedentes no comércio local e asseguravam a coesão

CC BY NC SA

social da comunidade imigrante. Assim, a *oikos*-nomia feminina não apenas estruturava a vida privada, mas também funcionava como um elo indispensável para a consolidação econômica e cultural da própria colônia, dimensão que mais tarde seria reconhecida pelo termo mais sofisticado de economia.

A descrição pelo olhar feminino de Ida sobre o processo de ocupação das terras da Colônia Dona Francisca permite entrever entre frestas os embates e alianças que se formaram entre imigrantes e brasileiros e, de forma mais acanhada, as ideais e teorias raciais que circulam no Brasil e na Europa. A imigração europeia atende questões centrais para o Brasil, como a substituição da mão de obra escravizada pós-fim do tráfico negreiro para o trabalho livre, a ocupação das áreas de fronteiras na região Sul e os interesses financeiros da família Imperial e do príncipe de Joinville (Ferreira, 2021). Neste contexto, as discussões sobre o branqueamento da população se fortalecem no Brasil *pari passu* à ascensão das teorias raciais nos espaços científicos europeus. (Schwarcz, 2028, p. 408).

No caso da Colônia Dona Francisca, Cunha (2008, p. 46) defende que os imigrantes europeus assumiram um status privilegiado na hierarquia social. Consequentemente, se produziu uma imagem idealizada apoiada na sua "aptidão para o trabalho da agricultura, e para os ofícios e artes, o seu espírito prático e conservador, o seu amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação, respeito às autoridades, qualidades que o distinguem dos colonos de outras origens". Nas cartas de Ida, os sentimentos de superioridade em relação à moralidade e à educação das mulheres brasileiras são indícios dos embates que surgiram com o maior contato e convivência dos dois grupos na Colônia. No que diz respeito à visão negativa das mulheres europeias em relação às brasileiras somam-se as disputas sociais e as diferenças de visão sobre o comportamento e os modos de vida de protestantes e católicos[1]:

[1] Como ressalta McClintock (2010, p. 19), a atuação dos países europeus nas suas colônias ou em outros espaços que foram marcados pela presença dos imigrantes se estruturou pela imposição de uma sociedade hierárquica baseada em fatores como "dinheiro a sexualidade; entre raça e gênero". A depreciação das mulheres brasileiras, vistas muitas vezes de forma pejorativa como "mestiças", e a ligação entre as "mulatas" e o papel de amante demonstram que a visão imperialista se fez presente nos núcleos coloniais agrícolas, como no caso da Colônia Dona Francisca, no século XIX.

CC BY NC SA

> As senhoras vão sempre em um grande crepitar, como um vestido de seda, eriçado de joias de 100 mil Réis (...). Mas toda a felicidade dessas mulheres também consiste nesse valor imaginado, muitas vezes elas se casam cedo e já são velhas aos trinta anos, é notável a rapidez com que envelhecem. Costumam ter vários casos amorosos privados e o principal é: não se deixem apanhar. Seus maridos fazem esse negócio muito mais abertamente, muitas vezes têm uma mulata em sua própria casa como segunda esposa. (Dörffel, 2018, p. 364)

Além disso, ao longo de toda a segunda metade do século XIX, os núcleos coloniais agrícolas teriam a função de diminuir o uso da mão de obra escravizada. Segundo o artigo 40 do Decreto nº 3.784, de 19 de janeiro de 1867, era proibido a presença de escravizados nos núcleos coloniais do Estado: "nas colônias, que d'ora em diante se fundarem, é expressamente proibido, sob qualquer pretexto, a residência de escravos. Igualmente não poderão nas existentes estabelecer-se pessoas que levem escravos em sua companhia" (Brasil, 1888). Apesar da proibição, a Colônia Dona Francisca encontrou brechas para a utilização de escravizados, fato que levaria a criação de um jornal abolicionista no século XIX (Manske, 2023).

Nas cartas de Ida, aparecem menções muito pontuais sobre a presença da população negra e dos escravizados na Colônia. Em uma das passagens de uma das cartas, Ida relatou o adoecimento de membros da família Trinks e dos trabalhadores negros, que teriam contraído febre amarela em uma viagem feita ao Rio de Janeiro. Ida utiliza o termo "negros" e "negra", sem explicações sobre a realidade das pessoas citadas, que podiam ser livres, escravizados dos imigrantes ou escravizados de ganho - alugados pelas famílias brasileiras para os colonos germânicos (Cunha, 2008).

> Elise adoeceu primeiro, no dia seguinte Martha e no dia seguinte a mãe. Gustav não pôde ir à loja por cinco dias e teve que cuidar de seus pacientes sozinho porque os negros que atendiam na casa não falavam alemão. A negra também teve febre mais tarde. Eliese e Martha se recuperaram rapidamente, mas a Trinks demorou muito para se levantar novamente (Dörffel, 2018, p. 428).

Ao descrever a preocupação da família Trinks com o filho Gustav que tinha se estabelecido no Rio de Janeiro pelas melhores oportunidades de negócio, Ida fez

CC BY NC SA

referência de forma negativa à necessidade de comercializar com pessoas negras: "Acho que não vai descansar até os Gustav se mudarem para cá, ele ganha um bom dinheiro lá, mas também tem algumas desvantagens, o que inclui também fazer negócios com os negros" (Dörffel, 2018, p. 429). No entanto, com as poucas menções feitas nas cartas sobre a escravidão e a população negra se torna difícil detectar as ideias e o envolvimento de Ida nas discussões sobre as teorias raciais. Nesse sentido, ainda há muito por desvendar na história das mulheres imigrantes.

Ao compreender o gênero como uma categoria analítica, conforme proposto por Scott (1991), e ao inserir o espaço doméstico na lógica de produção e organização social, como faz Perrot (1988), é possível perceber que a experiência de Ida Dörffel, longe de ser periférica, é central para a compreensão da imigração alemã na perspectiva da história das mulheres.

Considerações finais

Tradicionalmente, os estudos sobre a imigração europeia para o Brasil no século XIX privilegiam trajetórias masculinas e discursos hegemônicos sobre progresso, trabalho e construção da nação. Ao recentrar o olhar sobre as mulheres imigrantes, contudo, torna-se possível questionar paradigmas consolidados e revelar dimensões fundamentais da vida cotidiana, das redes de sociabilidade e das práticas culturais que sustentaram as colônias. A presença feminina não se limitou ao acompanhamento passivo de esposos e familiares, mas implicou estratégias de ação, resistência e reconfiguração dos espaços sociais.

As cartas de Ida Dörffel, ao mesmo tempo testemunho íntimo e registro histórico, permitem compreender a imigração como experiência complexa, marcada por negociações identitárias e por um protagonismo frequentemente silenciado. Sua escrita, repleta de ambivalências, converte a correspondência em gesto político: espaço de expressão, análise crítica e elaboração das tensões vividas na Colônia Dona Francisca. Nesse sentido, Ida emerge como sujeito histórico que desafia a narrativa tradicional e convida a repensar os marcos interpretativos da colonização.

CC BY NC SA

Embora pertencente a uma família instruída, que lhe conferia certo capital simbólico, Ida enfrentou frustrações, perdas e deslocamentos que exigiram reinvenções constantes. Sua trajetória realça como gênero, classe e cultura influenciaram e condicionaram suas possibilidades de ação, ao mesmo tempo que abriram oportunidades para formas singulares de protagonismo feminino.

A análise das cartas de Ida Dörffel, portanto, não apenas revela a experiência particular de uma mulher imigrante; também amplia a compreensão do fenômeno migratório, deslocando-o do âmbito exclusivamente público para o território da subjetividade. Ao valorizar fontes pessoais e centralizar experiências femininas, este estudo contribui para a desconstrução das narrativas hegemônicas e estimula novas interpretações da imigração alemã no Brasil, reconhecendo as mulheres como agentes históricos ativos e complexos.

Mais do que resgatar a memória de uma figura individual, a vida de Ida Dörffel convida a uma reflexão crítica sobre a própria escrita da história. Sua voz, simultaneamente singular e representativa, reafirma a necessidade de explorar arquivos da intimidade e de integrar perspectivas interdisciplinares para compreender a imigração como experiência humana plural, marcada por rupturas, negociações e reconstruções identitárias. Nas cartas de Ida estão os conflitos, as ideias que circulavam entre diferentes continentes, a resistência feminina, as redes de sociabilidade, as atividades culturais e econômicas, entre outros indícios que possibilitam novos olhares para a história da imigração e para a história social das mulheres.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.* Tradução: Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

Böbel, Maria Teresa; Thiago, Raquel S'Thiago. *Joinville, os pioneiros: documento e história – 1851 a 1866*. Joinville: UNIVILLE, 2001.

BRASIL. *Coleção das leis do Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1888.

CUNHA, Dilney. *História do trabalho em Joinville: gênese*. Joinville: Todaletra, 2008.

DÖRFFEL, Ottokar e Dörffel, Ida. In: MATZKE, Judith (org.). *Von Glauchau nach Brasilien: Auswandererbriefe von Ida und (1854-1906)*. Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo.* São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Dois manuscritos para revisar a história da colônia Dona Francisca (Joinville/SC), um dos mais importantes núcleos de colonização alemã do Brasil no século XIX. *História Unisinos,* dezembro de 2021, p. 568-571.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca.* 2ª ed. Joinville: Impressora Ipiranga, 1965.

GEVEHR, Daniel Luciano; MEYRER, Marlise Regina. Um lugar para se pensar na mulher da imigração alemã: gênero e identidade nos museus de imigração do Sul do Brasil. *Revista Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 20, n. 39, p. 72-93, jan./jun. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MANSKE, Carolina. Folha livre: um jornal abolicionista in Joinville/SC. In: GUNLANAD, Orlando Afonso Camutue; CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; SANT' ANNA, Katarine (orgs.). *Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC*. 2. ed. São Paulo: Editora Pluralidades, 2023. p. 43-77.

MIRANDA, Daniele C.; WESTPHAL, Euler R.; MEIRA, Roberta B. O elo entre a trajetória de Ottokar Dörffel e a importância da memória para a história e para o patrimônio da imigração alemã na cidade de Joinville (SC). *Revista História e Cultura,* Franca, v. 13, n. 1, ago. 2024. https://doi.org/10.18223/hiscult.v13i1.4202

NADALIN, Sérgio Odilon. *História da imigração no Brasil: um balanço historiográfico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História,* São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEDRO, Joana Maria. Um diálogo sobre mulheres e história. *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 509-512, 2003.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BY NC SA

SÁ, Isabel dos Guimarães. *Cuidar dos vivos, honrar os mortos: ensaios de história social*. Lisboa: Tinta-da-China, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Teorias raciais. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 403-409.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Mulheres em movimento: lutas sociais e participação política no Brasil e na França.* Florianópolis: Mulheres, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade,* Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-22, 1991.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP,* São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.

Recebido em: 04/11/2025.

Aprovado em: 03/06/2026.

CC BY NC SA